



# A MÍDIA FAZ MUDANÇAS



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS



# Sobre Esta Edição

Um sexto da população do mundo inteiro usa a internet regularmente, de acordo com a União Mundial de Telecomunicações, e 2,7 bilhões de pessoas são assinantes de serviços de telefonia móvel. Ambos os números explodiram em poucos anos desde que entramos no novo milênio.

Essas tecnologias possibilitam às pessoas mergulhar profundamente no conhecimento mundial e depois compartilhar e disseminar esses conhecimentos em agendas sociais ou políticas elaboradas por elas. Conhecimento é poder e, nas páginas que se seguem, nossos colaboradores descrevem muitos eventos no mundo todo onde os cidadãos usaram tecnologias e o poder que elas carregam para desafiar o *status quo*, desmascarar abusos e clamar por mais liberdade.

“A tecnologia — onipresente até nos países pobres — não apenas possibilita um fluxo mais livre de informações como também encoraja os cidadãos, que antes se sentiam impotentes, a exercer pressão de modo a causar transformações na sociedade em que vivem”, escreveu Patrick Butler, do Centro Internacional de Jornalistas, no primeiro ensaio desta publicação.

Desafiados por esses movimentos de mudança, os governos não podem mais recorrer aos padrões antigos. Governos repressivos não podem mais receber manifestantes pacíficos com força bruta e passar despercebidos. Fones e câmeras gravam toda a cena. Blogueiros efusivos contarão tudo ao mundo.

Esta é uma história que a *eJournal USA* começou a relatar em março de 2006 com a publicação de *A Mídia Emergente*, que discorreu sobre como a mídia tradicional estava recriando seus produtos em um novo ambiente de informação e como os cidadãos estavam descobrindo sua habilidade com as novas tecnologias. Agora a história está se desdobrando para além da mídia, para a sociedade em geral.

As organizações de mídia estão entre os melhores monitores do que acontece, e nós recorreremos a elas para contar essas histórias. O Centro Internacional de Jornalistas explica como as novas tecnologias trazem novas vozes para a arena política. Um jornalista americano veterano descreve como a política dos EUA toma um rumo diferente com o envolvimento de ativistas on-line. Escritores



Transeuntes usam telefones celulares para tirar fotos de um amontoado de mídia durante uma parada na campanha presidencial dos EUA

Wilfredo Lee © AP Images

do Fórum Mundial de Editores e da Associação Mundial de Jornais explicam como os cidadãos estão mudando os novos produtos do jornalismo e como as salas de redação profissional devem responder.

Nossos colaboradores contam histórias complexas e variadas, mas um tema se repete nestas páginas: o fim da história ainda não foi escrito. Como o nosso mundo mudará em decorrência das forças sociais, políticas e da mídia, hoje incontidas, continua sendo um segredo que só será revelado no futuro.

*Os editores*



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / DEZEMBRO DE 2007 / VOLUME 12 / NÚMERO 12

<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>

---

## A MÍDIA FAZ MUDANÇAS

### 4 **Nova Tecnologia, Novas Vozes**

PATRICK BUTLER, VICE-PRESIDENTE DE PROGRAMAS, CENTRO INTERNACIONAL DE JORNALISTAS  
Cidadãos do mundo on-line usam ferramentas de alta tecnologia para provocar mudanças políticas e sociais.

### 10 **Do Jornalismo Cidadão ao Conteúdo Gerado pelo Usuário**

BERTRAND PECQUERIE, DIRETOR DO FÓRUM MUNDIAL DE EDITORES, E LARRY KILMAN, DIRETOR DE COMUNICAÇÕES, ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE JORNAIS  
Organizações de mídia consolidadas reconhecem os benefícios que o conteúdo gerado pelo usuário pode trazer às suas publicações, ao mesmo tempo que transmitem o material com cautela.

### 13 **Todo Cidadão, um Repórter**

O site OhmyNews.com é pioneiro em jornalismo cidadão, com mais de 60 mil repórteres no mundo todo.

### 14 **Governos e Empresas Impedem Livre Expressão na Internet**

ERICA RAZOOK, MEMBRO JURÍDICO, PROGRAMA SOBRE EMPRESAS E DIREITOS HUMANOS, ANISTIA INTERNACIONAL EUA  
Essa organização de direitos humanos questiona as relações entre governos repressivos e empresas de tecnologia que tentam se estabelecer em novos mercados.

### 18 **O Dilema da Indústria da Informação**

O Yahoo! concordou em pagar uma quantia para fazer acordo em uma ação legal que acusava a empresa de ter alguma responsabilidade pela prisão de um jornalista chinês.

### 19 **Jornalismo Cresce e Depois Tropeça na República da Geórgia**

KARL IDSVOOG, PROFESSOR E INSTRUTOR DE MÍDIA INTERNACIONAL, ESCOLA DE JORNALISMO E COMUNICAÇÃO DE MASSA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE KENT  
A Revolução das Rosas trouxe reformas econômicas e governamentais a essa ex-nação satélite da União Soviética, mas a mídia ainda trabalha sob restrições.

### 22 **A Nova Mídia e a Política dos EUA**

THOMAS B. EDSALL, PROFESSOR DA CÁTEDRA JOSEPH PULITZER II E EDITH PULITZER MOORE DE REPORTAGENS SOBRE ASSUNTOS NACIONAIS, ESCOLA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO, UNIVERSIDADE DE COLÚMBIA  
Experientes usuários de tecnologias da informação estão trazendo mais vigilância e influência às eleições americanas.

### 25 **Tabela - Principais Sites de Notícias**

Nielsen Online mede a audiência dos sites de notícias e informações.

**27 Mídia Nova Versus Mídia Antiga**

DAVID VAINA, PESQUISADOR ASSOCIADO, PROJETO EXCELÊNCIA EM JORNALISMO

A nova mídia não está seguindo a mesma ética e os mesmos padrões que norteiam a mídia tradicional; observadores do setor ainda estão tentando avaliar seu impacto social.

**30 Força-Tarefa Global pela Liberdade na Internet**

O Departamento de Estado dos EUA promove o acesso à internet como um instrumento de empoderamento.

**32 Sites Realmente Locais**

Os sites hiperlocais atendem a necessidades locais, preenchendo um vazio na cobertura de notícias.

**34 Recursos na Internet**

**Tema relacionado de março de 2006**



<http://usinfo.state.gov/journals/itgic/0306/ijge/ijge0306.htm>

# Nova Tecnologia, Novas Vozes

Patrick Butler



Amr Nabil/© AP Images

Após a divulgação de um vídeo na internet mostrando a agressão ao motorista de uma caminhonete no Cairo, o policial egípcio Islam Nabil, ao centro, foi condenado em novembro de 2007

*Blogues, vídeos on-line e torpedos são novas tecnologias de mídia que passaram a ser amplamente utilizadas e adaptadas nos últimos anos. Usuários experientes aplicam essas tecnologias de maneiras inesperadas para atingir fins políticos. Os governos estão se esforçando para responder, alguns com repressão, outros com reformas.*

*Patrick Butler é vice-presidente de programas no Centro Internacional de Jornalistas, organização sem fins lucrativos sediada em Washington que “promove jornalismo de qualidade em todo o mundo na crença de que uma mídia independente e forte é crucial para a melhoria da condição humana”, segundo sua declaração de missão.*

Os vídeos estão com aspecto granulado e borrado, mas claros o suficiente para horrorizar.

Em um deles, um policial bate repetidamente no rosto de um suspeito, enquanto o homem levanta as mãos para se defender e, em seguida, cai no chão. Em outro, uma mulher sob custódia chora e grita pendurada de cabeça para baixo, com os pés e as mãos presos a uma barra. Em um terceiro, a polícia cerca manifestantes na rua, surrando-os com cassetetes, enquanto os empurra para dentro de uma viatura policial.

Os vídeos que mostram a brutalidade da polícia no Egito nunca foram exibidos em nenhuma emissora de televisão daquele país. Em vez disso, foram incluídos pelo blogueiro Wael Abbas em seu site extremamente popular, MisrDigital [<http://misrdigital.blogspot.com/>].

Os vídeos tiveram impacto, mesmo em um país

como o Egito, onde os únicos punidos pelos abusos expostos pelo jornalismo destemido são, em geral, os próprios jornalistas. Devido à divulgação de vídeos feitos com celulares, da autoria de Abbas e outros blogueiros, em novembro de 2007 dois policiais foram condenados a três anos de prisão por torturar o motorista de uma caminhonete no Cairo. Outros policiais aguardam julgamento em outros casos de abuso.

### REPORTAGEM DIGITAL

Em todo o mundo, jornalistas e não-jornalistas estão usando ferramentas da mídia digital, tais como a internet, mensagens de SMS (serviço de mensagens curtas) e pequenas câmaras de vídeo em celulares, para coletar e divulgar informações por meios que seriam impossíveis há uma década. Essa tecnologia — onipresente até nos países pobres — não apenas possibilita um fluxo mais livre de informações como também encoraja os cidadãos, que antes se sentiam impotentes, a exercer pressão de modo a causar transformações na sociedade em que vivem. Em muitos casos, como no de Abbas, o fluxo mais livre de informações possibilitado pela nova tecnologia está forçando governos a adotar medidas que, de outra forma, não adotariam. Embora as prisões de policiais infratores sejam um passo na direção certa para o Egito, resta saber se Abbas e outros blogueiros poderão exercer um impacto maior no sentido de obrigar o governo de Mubarak a adotar práticas mais democráticas. Como em outros países cujos jornalistas cidadãos usaram as novas tecnologias de modo corajoso para revelar transgressões ou organizar protestos, o Egito reprimiu essas ações, prendendo jornalistas e blogueiros que divulgaram informações apontadas como insulto ao islã ou ao governo.

No caso mais recente, os dois policiais foram condenados à prisão graças a vídeos que os mostraram sodomizando o motorista da caminhonete com um bastão depois de o terem prendido por intervir em uma discussão entre seu primo e a polícia. Outros policiais gravaram o abuso de poder com seus celulares, com a intenção de exibir o vídeo aos amigos do homem, de forma de causar mais humilhação.

Abbas e outros blogueiros obtiveram o vídeo e o divulgaram com muitos outros, mostrando um padrão sistêmico de revoltante abuso de poder. A Organização Egípcia de Direitos Humanos registra cerca de 400 casos de tortura pela polícia a cada ano, com aproximadamente 20% deles levados a julgamento, de acordo com o Washington Post.

Abbas foi penalizado por atrair as atenções para vídeos que mostravam casos de abuso de poder da polícia, fraudes de eleitores, corrupção e assédio de mulheres nas ruas. Ele perdeu o emprego de jornalista, foi preso e ameaçado, mas continua a produzir blogues, na esperança de trazer mudanças para seu país.

Minha organização, o Centro Internacional de Jornalistas (ICFJ), recentemente apontou Abbas como um dos vencedores de nosso Prêmio Internacional de Jornalismo Knight de 2007. Ele é o primeiro blogueiro a recebê-lo — mas é quase certo que não será o último. A outra pessoa a receber o prêmio foi May Thingyan Hein, repórter da Birmânia (Mianmar), outro país onde a nova mídia exerceu um papel crucial para fomento do ativismo dos cidadãos e onde ainda é incerto se esse ativismo terá impacto a longo prazo.

Na Birmânia, a tecnologia foi essencial para a divulgação de notícias sobre os protestos de agosto e setembro de 2007 contra o regime militar, que atraíram a atenção do mundo. Naquele país, foram usados telefones celulares para passar informações sobre locais de reunião de manifestantes e o modo de evitar a prisão. Fora da Birmânia, fotos e vídeos de protestos liderados por monges e da reação violenta do governo, feitos principalmente com celulares, foram lançados na internet, despertando a consciência que pressionou politicamente o regime militar que governa o país. Essa informação só poderia vir de “jornalistas cidadãos”, já que o governo da Birmânia impediu quase todos os jornalistas estrangeiros de entrar no país.

Na Birmânia, ainda, o governo reprimiu essas atividades simplesmente impedindo o funcionamento da internet, na tentativa de esconder as fotos e os vídeos embaraçosos que correram o mundo segundos após terem sido enviados para sites de birmaneses expatriados. Nas ruas, a polícia confiscou câmeras e celulares. Essas medidas são possíveis a curto prazo em um país severamente controlado e isolado como a Birmânia, mas a possibilidade de o governo manter controle sobre as informações a longo prazo é outra questão. A tecnologia usada atualmente pelos cidadãos birmaneses não existia durante a última repressão sangrenta contra manifestantes em 1988, quando mais de 3 mil pessoas morreram, em grande parte fora das vistas do resto do mundo.

### CENSURA NO ESPAÇO CIBERNÉTICO

Em outros países como a China e o Irã — maiores e mais envolvidos com o mundo exterior —, os regimes vêm tendo mais dificuldade de controlar o comparti-

lhamento de informações mediante novas tecnologias. Em 2006, na China, Li Datong, editor de um suplemento do volumoso periódico *China Youth Daily*, enviou um e-mail para pessoas importantes com um memorando criticando a nova política do jornal de suspender o pagamento de jornalistas que escrevessem qualquer coisa que desagradasse às autoridades do Partido Comunista. Em poucos minutos o memorando foi publicado em sites de todo o país. Os censores rapidamente exigiram a sua remoção, mas não conseguiram agir rápido o suficiente para impedir a divulgação da história. Embora o próprio Li tenha sido despedido, o governo teve de revogar a política de suspender o pagamento dos jornalistas.

A China fica atrás somente dos Estados Unidos em número de usuários da internet, e os líderes chineses estão perdendo a batalha à medida que tentam controlar o tipo de informação a que os chineses devem ter acesso na internet. De acordo com a organização Repórteres sem Fronteiras, a China é campeã mundial em prisão de pessoas por

publicação de informações consideradas inaceitáveis, com 50 dissidentes cibernéticos na prisão, de um total de pelo menos 64 no mundo todo.

“Cada vez mais governos percebem que a internet pode exercer um papel primordial na luta pela democracia e estão estabelecendo novos métodos para censurá-la”, informou a organização em seu Índice Mundial de Liberdade de Imprensa, de 2007 [*Worldwide Press Freedom Index 2007*]. “Os governos de países repressores estão agora visando os blogueiros e jornalistas on-line de forma tão severa quanto perseguem os jornalistas da mídia tradicional.”

Assim como a China, o Irã é incapaz de controlar o conteúdo da internet, e o farsi está agora entre os 10 principais idiomas usados pelos blogueiros, com 70 mil a 100 mil iranianos exercendo essa atividade — muitos dos quais escreveram artigos políticos que a mídia iraniana tradicional jamais pensaria em escrever. Os blogueiros iranianos mudam de endereço na internet com frequência e usam “sites substitutos” para escapar das restrições governamentais.



Manifestantes libaneses exigem a retirada da Síria em comícios de rua em 2005, organizados em parte por mensagens de texto em telefones celulares



Mulheres do Kuwait celebram sua campanha pelo direito ao voto em 2005. A campanha de 40 anos chegou a um final feliz quando as mulheres recorreram às mais avançadas tecnologias de comunicação para mobilizar simpatizantes

Blogues, podcasts, mensagens de texto e uploads de vídeo estão pressionando os limites da liberdade de expressão e causando mudanças reais no Irã, na China, na Birmânia e no Egito, mas até agora nenhum desses regimes caiu em consequência disso. Isso ocorreu em outros países.

### DEMOCRACIA POR MÍDIA MÓVEL

O exemplo mais famoso é o das Filipinas, onde mensagens de texto ajudaram a convocar cidadãos para protestos em massa que levaram à queda do então presidente Joseph Estrada em 2001. Ele havia escapado por pouco de impeachment pelo Senado, apesar da evidência de possuir contas bancárias no valor de US\$ 71 milhões, obtidos por meio de ganhos ilícitos. Estrada imaginou que houvesse escapado, até que centenas de milhares de pessoas se reuniram para protestar contra o voto do Senado, impelidos por mensagens de texto que diziam: “Vá para a EDSA” (Avenida), “Vista-se de preto para lamentar a morte da democracia” e “Espere lá pelos protestos”. Quando a Suprema Corte declarou que “o povo havia se manifestado”, Estrada finalmente concordou em renunciar. O Líbano deu um exemplo semelhante e mais recente. Lá, um mi-

lhão de cidadãos respondeu à convocação por mensagem de texto em celulares em 2005, reunindo-se para exigir o final da ocupação militar do país pela Síria. Assim como nas Filipinas, os cidadãos conseguiram imediatamente seu intento, com 14 mil soldados sírios deixando o país após 29 anos de ocupação. Mas o sucesso do poder dos cidadãos permanece incerto a longo prazo; a Síria continua a exercer controle sobre o Líbano por meio de assassinatos e atentados à bomba, e o país continua frágil.

Há outros inúmeros exemplos da “democracia do celular”. Mulheres no Kuwait usaram mensagens de texto para organizar comícios, conseguindo, graças à sua exigência, o direito de votar e de concorrer em eleições. Jovens sul-coreanos com experiência em tecnologia conclamaram 800 mil pessoas a votar em uma campanha realizada pelo SMS no último minuto, colocando seu candidato Roh Moo Hyun em primeiro lugar por margem muito estreita. Os chineses usaram o SMS para organizar greves de trabalhadores e comícios contra os japoneses.

Todos esses exemplos mostram o poder da nova tecnologia para levar as populações às ruas em países onde antes elas se sentiam impotentes. Embora a internet venha sendo um instrumento importante de mobilização nos Estados Unidos, celulares e mensagens de texto são muito mais importantes nos países em desenvolvimento onde poucas pessoas têm acesso à web, mas muitos mais têm telefones celulares.

Os Estados Unidos, nesse aspecto, estão na verdade atrasados em relação à maior parte do mundo, mesmo do mundo em desenvolvimento. Em Botsuana, recentemente, eu disse aos estudantes que estava interessado em falar com as empresas de telecomunicações sobre a possibilidade de enviar notícias por celulares. Um estudante pegou seu telefone e perguntou: “Quer dizer assim?” Manchetes de um jornal local passavam pela tela do telefone, um serviço já há muito disponível nesse país. Africanos de áreas remotas, que não têm acesso a jornais impressos, estão recebendo notícias desses jornais em seus celulares.

### ADVERTÊNCIAS E PREOCUPAÇÕES

Portanto, se em todo o mundo em desenvolvimento estão sendo usados celulares para enviar notícias a pessoas que não as receberiam de outra forma e convocar gente que agora se sente capaz de agir e ocasionar mudanças em seus países — qual é o lado negativo?

Para alguns, a preocupação é que a mídia que mobiliza multidões para promover a democracia promova a

instabilidade. É admirável que o povo nas Filipinas tenha conseguido atrair grandes multidões por meio de nova tecnologia para derrubar um presidente corrupto, mas o que fazer para impedir as pessoas de usar a mesma tecnologia para derrubar um governo democraticamente eleito que promulgue políticas impopulares a curto prazo, mas boas para o país a longo prazo?

A mesma tecnologia também pode ser usada para propósitos mais nefastos do que mudanças democráticas. No Timor Leste, criminosos saqueadores usaram mensagens de texto para organizar motins e escapar das tropas de manutenção da paz. A Al Qaeda é famosa por usar a tecnologia mais avançada em seu esforço para fazer o mundo regredir ao século oito.

Outros possíveis problemas concentram-se nas ferramentas da nova mídia que têm levado ao conhecimento público abusos como os ocorridos no Egito e na Birmânia. Como se pode julgar a veracidade das informações obtidas por alguém que as registrou em um celular e as enviou, talvez anonimamente, para um blogueiro no Ocidente? Como podemos ter certeza de que as imagens não foram manipuladas digitalmente? Como podemos confiar em informações que se originam de ativistas de suas próprias causas e não de jornalistas treinados e imparciais?

Grande parte do mundo nunca endossou o ideal dos EUA de jornalismo “objetivo”, no qual a opinião do repórter ou da mídia não pode ser deduzida da história. Mas, à medida que mais e mais informações surgem de fontes com uma agenda clara, o conceito de apresentação completa e equilibrada da notícia vai sendo derrubado.

O blogueiro birmanês Ko Htike, que vive em Londres, disse que tinha cerca de dez contatos na Birmânia que lhe enviavam textos, fotos e vídeos de cibercafés. Ele confiava na veracidade do material enviado, mas também

observou que o regime da Birmânia aproveitou a maré para enviar e-mails e mensagens de texto falsos, divulgando informações falsas sobre repressão militar.

Outro site que publicou reportagens de jornalistas cidadãos birmaneses foi o Mizzima News, dirigido por exilados em Nova Délhi. O redator-chefe, Soe Myint, recebeu relatórios, imagens e vídeos de mais de cem estudantes, ativistas e cidadãos comuns, de acordo com o Wall Street Journal. Ele passou vários anos criando um sistema de cobertura jornalística com base em fontes confiáveis, declarou. Segundo ele, “isso não é trabalho para um dia só”. “Estivemos nos preparando para isso durante os últimos nove anos. As pessoas conhecem nosso trabalho e sabem como chegar até nós.”

Outro perigo dessa tendência é que os cidadãos que colhem informações muitas vezes correm riscos ao fazê-lo. Na Birmânia, uma das primeiras vítimas dos distúrbios foi o fotógrafo japonês que estava gravando os protestos.

Jornalistas profissionais muitas vezes recebem treinamento para trabalhar em situações perigosas (embora nunca seja suficiente) e podem contar com o apoio do empregador se forem feridos, seqüestrados ou presos; jornalistas cidadãos não recebem treinamento e não recebem apoio de uma empresa jornalística. Os meios de comunicação que realizam seu trabalho — e realmente convidam pessoas por meio de seus sites — podem responsabilizar-se quando essas pessoas são mortas, feridas ou presas? E o público pode?

### FORMAÇÃO DE CREDIBILIDADE

No Egito, o vencedor do prêmio do ICFJ, Wael Abbas, enfrentou inúmeras ameaças e uma campanha de difamação. Autoridades governamentais disseram que ele tinha um “passado criminoso”, era homossexual e tinha se convertido ao cristianismo. “Eles estavam tentando me desacreditar e fazer com que perdesse meu público”, informou ele em entrevista ao site da Rede Internacional de Jornalistas do ICFJ [[www.ijn.net.org](http://www.ijn.net.org)].

Abbas ganhou o Prêmio Internacional de Jornalismo Knight de 2007, em parte devido ao seu compromisso em basear seu blogue em reportagens confiáveis, factuais, e não estritamente em opiniões sem fundamento. Ele acredita que, ao dar aos egípcios uma visão em primeira mão do que está acontecendo em seu país, por meio da nova tecnologia, está fazendo a diferença de uma

### Vídeo on-line

#### • Gerando Blogues pela Liberdade

O premiado jornalista e blogueiro Wael Abbas, do Egito, foi entrevistado na Al Jazeera pelo apresentador Riz Khan em setembro de 2007.



<http://usinfo.state.gov/journals/itgic/1207/ijge/ijge1207.htm>

Usado com permissão

forma que nem jornalistas nem cidadãos comuns podiam fazer antes.

“Eu me concentrei na gravação de imagens e vídeos, de modo que ninguém pode desacreditar de meu trabalho”, disse, acrescentando que também escreve em árabe coloquial para atrair participantes mais jovens que consideram “tediosas” as reportagens da mídia tradicional em árabe clássico.

Stephen Franklin, do *Chicago Tribune*, é um dos recentes membros do programa de Bolsas do Jornalismo Internacional Knight do ICFJ, trabalhando na capacitação de jornalistas no Egito. Ele indicou Abbas para o prêmio. Apesar de participar da grande imprensa, Franklin descobriu que poderia fazer maior diferença trabalhando com Abbas e outros blogueiros, que tinham maior liberdade e estavam de muitas formas causando maior impacto em sua sociedade do que jornais, rádio e televisão. Franklin criou um guia para blogueiros, “Ten Steps to Citizen Journalism Online” (Dez Passos para o Jornalismo Cidadão On-line), que inclui questões como conteúdo, marketing e segurança para blogueiros. (Disponível no site do IJNet, [www.ijnet.org](http://www.ijnet.org).)

Abbas acredita que ele e outros blogueiros — bem como jornalistas tradicionais que ousaram relatar assuntos semelhantes — ajudaram a convencer os egípcios de sua capacidade como participantes ativos na conquista de mudanças para a sociedade.

“Toda vez que ocorre uma injustiça, eles vêm a público e falam”, declarou, “muito diferente do passado quando as pessoas tinham medo de se manifestar”. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Do Jornalismo Cidadão ao Conteúdo Gerado pelo Usuário

Bertrand Pecquerie and Larry Kilman

*À medida que usuários da internet contribuem com quantidades crescentes de conteúdo para o universo da informação, jornalistas profissionais devem ficar cada vez mais vigilantes para garantir sua veracidade e exatidão.*

*Bertrand Pecquerie é diretor do Fórum Mundial de Editores com sede em Paris. Larry Kilman é diretor de comunicações da afiliada Associação Mundial de Jornais. Editores e proprietários de jornais de mais de 100 países fazem parte dessas organizações profissionais.*



Stefan Rousseau/© AP Images

Incêndio nos tanques de petróleo de Buncefield em Hertfordshire, Inglaterra, marcou o início de uma nova era na adoção da mídia com conteúdo gerado por usuário

Uma revolução na mídia ocorreu em 7 de julho de 2005, embora poucos tenham percebido na época.

Foi no dia em que bombas terroristas atingiram o metrô de Londres. Cidadãos que estavam no local inundaram jornais e emissoras de televisão e rádio com fotografias, gravações e relatos sobre o que havia acontecido. Muitos meios de comunicação não hesitaram em usar o conteúdo gerado pelos consumidores.

Mas talvez uma mudança ainda maior tenha ocorrido em 11 de dezembro de 2005, quando a explosão nos tanques de petróleo de Buncefield, no Reino Unido, provocou uma resposta sem precedentes de cidadãos jornalistas enviando milhares de e-mails, fotos e vídeos sobre o desastre para os sites de notícias muito antes da chegada de jornalistas profissionais ao local da explosão ocorrida nas primeiras horas da manhã, há aproximadamente 43 quilômetros de Londres.

A BBC, por exemplo, recebeu mais de 6.500 e-mails com vídeos e cobertura fotográfica da explosão e dos focos de incêndio, em comparação com os mil e-mails após as bombas

no trem de Londres. As primeiras fotos e gravações de vídeo chegaram minutos após a explosão.

O chefe da BBC News Interactive (Notícias Interativas da BBC), Pete Clifton, deu o seguinte depoimento ao site de notícias da MediaGuardian sobre o impacto do conteúdo produzido pelos cidadãos: “A variedade de material que recebemos de nossos leitores foi absolutamente extraordinária. Vídeos, fotografias de cenas e e-mails jorravam após a explosão, desempenhando um papel fundamental no modo como mostramos o desenrolar dos fatos.”

No dia da explosão, meio milhão de usuários acessaram o site da BBC para ver as fotos e os vídeos. A mídia cidadã tinha se tornado parte permanente e essencial do processo.

## DEMOCRATIZAÇÃO DA MÍDIA

Atualmente é raro o meio de comunicação que não esteja no processo de expandir a via de mão dupla criada pela mídia digital entre os veículos de notícias e seus usuários. A infinidade de novos canais de distribuição eletrônica permite

a todas as pessoas em frente ao teclado de um computador produzir novos conteúdos de notícias — algo real no mundo desenvolvido e em crescimento também no mundo em desenvolvimento.

Ou, como o pioneiro do jornalismo cidadão, Dan Gillmor, diz: “em um mundo de ferramentas de mídia onipresentes, que está quase aí, alguém sempre estará no local.”

Ano após ano, o crescimento da mídia digital democratizou a publicação de palavras e fotos de todo tipo, outrora monopólio da imprensa escrita e dos repórteres de televisão e rádio. Analisem:

- Durante o ataque feito por um aluno armado na Universidade Politécnica de Virgínia (Virginia Tech), nos Estados Unidos, as principais emissoras, inclusive a CNN, com frequência abriam os programas de rádio e televisão diretamente para blogues de alunos e outros relatos de testemunhas oculares, produzindo uma rapidez na cobertura que seria impensável por meio de outras fontes.

- Cada vez mais blogueiros são convidados a sentar-se em lugares reservados à mídia em uma variedade de eventos relacionados com notícias. Cerca de 10% das pessoas na lista da imprensa para a Semana de Moda de Nova York deste ano eram blogueiros.

- O criador do *reality show* *Big Brother*, Endemol, começou a apresentar diariamente na Holanda noticiários para a TV com material gerado por usuários. Os cidadãos-repórteres apresentam vídeos de notícias compilados no noticiário IK OP TV (Eu na TV).

- Em Pune, Índia, o Grupo Sakaal de jornais criou um “suplemento do cidadão” semanal inteiramente escrito por leitores. “As pessoas querem notícias positivas e coisas positivas para ler,” disse o subeditor, Deendayal Vaidya. “Elas já estão presas à própria vida e às crises. Querem ser encorajadas.” Quase mil leitores, a maioria dos quais nunca publicou antes, escreveram para o suplemento.

- O influente diário francês *Le Monde* está fornecendo blogues para seus assinantes. Entre outras coisas, o jornal incentiva os leitores a manter diários eletrônicos sobre suas viagens, o melhor dos quais pode ser acessado por meio das páginas de viagens do site do jornal.

- No Chile, o tablóide nacional *Las Últimas Noticias* (As Últimas Notícias) teve um crescimento de 30% em sua circulação depois que os editores começaram a verificar quais histórias eram as mais lidas em seu site e em seguida usavam a informação, parcialmente, para determinar que matérias seriam impressas. Embora isso não seja conteúdo produzido pelo usuário, mostra como os usuários influenciam cada vez mais as escolhas editoriais da mídia sobre o conteúdo.

A idéia de “jornalismo cidadão” foi proposta pela primeira vez no livro de Dan Gillmor em 2003, *We the Media: Grassroots Journalism By the People, For the People*, (Nós, a Mídia: Jornalismo de Base Feito pelas Pessoas, para as Pessoas) com a afirmação que conhecemos hoje: “Notícia não é mais uma palestra, é uma conversa”. O argumento de Gillmor, semelhante à filosofia da enciclopédia eletrônica Wikipedia, foi que “sabedoria e conhecimento coletivos superam em muito a

compreensão individual em quase todos os assuntos”.

Durante esse período, projetos básicos de estruturação inicial estavam ganhando força e credibilidade. Foi dito que, se os ignorassem, os jornais arriscavam-se a afastar alguns de seus leitores consolidados e também uma grande parte dos futuros.

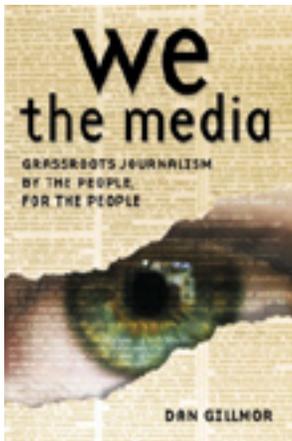
### EM QUEM VOCÊ CONFIA?

Atualmente, contudo, a denominação “jornalismo cidadão” está desaparecendo cada vez mais para ser substituída por uma noção mais ampla de conteúdo produzido pelo usuário. Não há mais referência a “jornalismo”, profissão especializada com um conjunto ímpar de normas e ética, diferente das regras dos blogueiros, que não são mais jornalistas competindo, porém produtores de con-



Mary Altaffer/AP Images

Uma cerimônia religiosa foi realizada na Universidade Politécnica de Virgínia (Virginia Tech) em abril de 2007 após o campus ter sido aterrorizado pelo ataque de um atirador em suas instalações. Mensagens de texto foram uma forma de comunicação importante por horas antes do fim dos ataques. As mídias nacional e on-line também confiaram no conteúdo gerado pelos usuários para a cobertura da tragédia em que 32 alunos, professores e funcionários foram mortos



© 2007 O'Reilly Media, Inc.)  
Todos os direitos reservados. Usado com permissão

Gilmor escreveu: "A notícia não é mais uma palestra, é uma conversa"

fiável. Segundo o editor do *Saturday* do *The Times de Londres*, George Brock, "A pergunta mais importante que o consumidor de notícias e opinião fará a si mesmo é a mesma de sempre: posso confiar nessa fonte? Algumas [fontes] passarão no teste, outras serão reprovadas. Sociedades abertas que querem permanecer assim deveriam continuar fazendo o teste." A emergência do conteúdo gerado pelo usuário, uma verdadeira revolução cultural, apresenta oportunidades e também perigos consideráveis que requerem a vigilância da sociedade.

Uma das vantagens é que o cidadão agora tem muito mais controle sobre como e quando recebe informação. Ele pode reagir à informação e tomar parte dela se preferir.

O setor de notícias está se tornando mais um diálogo entre provedores e consumidores de informação do que uma imposição de opiniões e perspectivas de uma casta de elite.

Uma das desvantagens é que a internet abriu possibilidades extraordinárias para a generalizada, e às vezes perigosa, manipulação de informações, o que é difícil, se não impossível, de evitar.

Esse fenômeno atribuirá cada vez mais responsabilidade aos jornalistas profissionais para manter altos padrões de verificação de fatos, honestidade e objetividade.

Os editores já estão gastando um tempo enorme verificando e autenticando fotos e textos gerados por usuários, e isso se tornará somente mais uma atividade que consome muito do seu tempo. Os itens publicados em blogues e comentários exigem avaliação cuidadosa e regular.

Se os blogueiros não forem obrigados a observar códigos de ética rígidos, no nível de "blogues profissionais" haverá muita regulamentação induzida pela comunidade. O escândalo do Huffington Post envolvendo o ator americano George Clooney em março de 2006 ilustrou a forte influência da comunidade de blogues. Quando a equipe de Ariana Huffington publicou um artigo baseado em uma mescla das entrevistas televisivas

teúdo complementar.

O termo "produzido pelo usuário" também transmite a noção de cidadãos e participação cívica. O conteúdo pode ser produzido tanto por consumidores e leitores quanto por comentaristas, mas é necessário que haja editores profissionais para transformá-lo em "jornalismo".

A magnitude resultante das fontes apresenta um desafio que data dos primórdios do jornalismo: decidir qual fonte é confiável.

de Clooney como sendo texto dele, o ator não escondeu sua reprovação. Embora a fundadora e autora do site, Arianna Huffington, tenha a princípio minimizado o caso, no final foi obrigada a pedir desculpas, devido ao desprezo avassalador da blogosfera.

Os princípios básicos de nossas sociedades democráticas e a credibilidade da mídia consolidada estarão perdidos se formos incapazes de distinguir entre informações verdadeiras e falsas.

A responsabilidade das empresas de notícias é, portanto, considerável. Por ora, persiste uma preferência significativa da maioria dos leitores por acessar informações por meio de produtos tradicionais impressos, com 1,6 bilhão de leitores de jornais diários em todo o mundo. Pesquisas de opinião pública mostram constantemente que os consumidores de notícias têm mais probabilidade de confiar em marcas de jornais famosas e consolidadas e de tratar blogues e materiais produzidos por cidadãos com mais ceticismo.

Por exemplo, segundo um estudo sobre consumidores feito pelo jornal francês independente *20 minutes* (20 minutos), dois terços dos respondentes consideram que as notícias publicadas em veículos participativos on-line "não podem ser consideradas notícias" e duvidam da "veracidade das notícias desses veículos".

É essencial aumentar a competência midiática de jornalistas em particular e cidadãos em geral para ajudá-los a avaliar o valor e a veracidade da informação que recebem.

Na Associação Mundial de Jornais (WAN) e no Fórum Mundial de Editores (WEF), lutamos para manter nosso setor informado sobre esses desenvolvimentos e como eles afetarão nossas empresas e a sociedade como um todo.

Periodicamente organizamos campanhas para lembrar ao público a questão fundamental que está em jogo quando falamos de liberdade da mídia. Um dos slogans da campanha, "Liberdade de Imprensa é Liberdade para o Cidadão", nunca foi mais verdadeiro do que hoje.

*A WAN e o WEF representam editores e proprietários de jornais em mais de 100 países, trabalhando para mais de 18 mil publicações, inclusive milhares de sites de notícias e informações na internet e blogues — editorsweblog.org, sfnblog.org, trends-in-newsrooms.org — que são parte integrante do setor de notícias.*

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

## Todo Cidadão, um Repórter



Editor e fundador do OhmyNews, Oh Yeon-ho, em seu escritório em Seul

© OHMYNEWS Todos os direitos reservados

Lançado em 2000, o site OhmyNews, com sede na Coreia do Sul, é considerado uma das primeiras iniciativas de jornalismo cidadão.

Jornalista profissional, Oh Yeon-ho iniciou o site como uma experiência on-line de mídia participativa, com mais de 700 cidadãos-repórteres trabalhando com ele. O OhmyNews completou 7 anos em fevereiro de 2007 com 65 funcionários em período integral e mais de 60 mil cidadãos-repórteres que trabalham em outros 100 países.

O sucesso e a expansão do OhmyNews começou a atrair a atenção dos observadores de mídia do mundo todo em 2002, quando a comunidade on-line da Coreia do Sul envolveu-se ativamente na eleição presidencial e ajudou a influenciar o resultado.

O perfil global do site e de seu fundador atingiu o auge em outubro de 2007, quando a prestigiada Escola de Jornalismo de Missouri, nos Estados Unidos, concedeu a Oh Yeon-ho a Medalha de Honra por Serviços Relevantes de Jornalismo em “reconhecimento por seu trabalho pioneiro no envolvimento de cidadãos como jornalistas em prol da democracia”. O prêmio tem uma história de mais de 70 anos e entre os ganhadores estão autores importantes e jornalistas da mídia impressa, do rádio e da TV.

“Hoje recebo esta medalha, mas o mérito não é meu”, falou Oh ao receber o prêmio em uma cerimônia em Colúmbia, Missouri. “É de nossos 60 mil cidadãos-repórteres e de nossa equipe de repórteres que alegremente se juntaram a este novo mundo de jornalismo cidadão.”

Alcançar o sucesso e o reconhecimento como mídia emergente com métodos não convencionais é um feito por si só, porém Oh disse ao público de Colúmbia ter ambições mais altas com relação ao que o jornalismo cidadão pode realizar. “A meta não é mais informação; mas sim uma vida mais feliz e completa”, disse Oh, segundo a cobertura do evento do OhmyNews. ■

*Charlene Porter*

### Código de ética do OhmyNews

Repórteres do OhmyNews devem aderir ao seguinte código de ética:

1. O cidadão-repórter deve trabalhar com o espírito de que “todos os cidadãos são repórteres” e somente identificar-se como cidadão-repórter quando estiver cobrindo fatos.
2. O cidadão-repórter não divulga informações falsas. Não escreve matérias baseadas em suposições ou previsões infundadas.
3. O cidadão-repórter não usa linguagem abusiva, vulgar ou ofensiva que caracterize ataque pessoal.
4. O cidadão-repórter não prejudica a reputação de outros escrevendo artigos que infrinjam a privacidade pessoal.
5. O cidadão-repórter usa métodos legítimos para obter informações e informa a suas fontes de maneira clara a intenção de escrever uma matéria.
6. O cidadão-repórter não usa sua posição para ganhos indevidos ou para obtenção de lucro pessoal.
7. O cidadão-repórter não exagera ou distorce fatos a seu favor ou da organização à qual pertence.
8. O cidadão-repórter se desculpa total e imediatamente pela cobertura errada ou inapropriada.

© OHMYNEWS Todos os direitos reservados

# Governos e Empresas Impedem Livre Expressão na Internet

Erica Razook



Mizzima News/© AP Images

Monges budistas estavam na linha de frente de protestos contra o governo militar da Birmânia (Mianmar) em setembro de 2007. Embora o governo filtre o acesso de cidadãos à internet, blogues e mídia on-line enviaram ao mundo imagens de protestos e abusos contra os direitos humanos

*Mídia diversificada e tecnologias da informação aperfeiçoadas expõem as pessoas a uma gama mais ampla de idéias. Porém, alguns governos pretendem controlar idéias e tentam negar a seus cidadãos o acesso a elas. A Anistia Internacional, organização global de direitos humanos, está agindo para opor-se às ações desses governos repressores.*

*Erica Razook é membro jurídico do programa sobre empresas e direitos humanos da Anistia Internacional EUA, com sede na cidade de Nova York.*

Um exercício muito simples ilustra o longo alcance da censura à internet. Procure “Praça Tiananmen” em [www.google.cn](http://www.google.cn). (o site chinês autocensurado do Google) e depois faça a mesma pesquisa em [www.google.com](http://www.google.com) (a versão principal, com base nos EUA).

Os resultados são espantosamente diferentes. No [google.cn](http://google.cn), os resultados descrevem unanimemente a localização geográfica da praça e, de forma chocante, não fazem nenhuma menção ao massacre de estudantes de 1989, acontecimento descrito nos principais resultados da busca em [google.com](http://google.com). O Google não está sozinho. Microsoft, Yahoo!, Baidu e outras empresas da internet que operam na China, sejam elas baseadas nos EUA ou na



Bureau de Segurança Pública de Pequim © AP Images

O Bureau de Segurança Pública de Pequim publicou essas imagens de figuras de desenho animado em 2007, enquanto lançava uma iniciativa de monitoração da internet. A “polícia virtual” animada foi criada para aparecer de repente em um navegador de usuário e, deslocando-se a pé, de bicicleta ou de carro pela tela, alertar os cidadãos para que ficassem afastados de qualquer conteúdo ilegal da internet

China, filtram quase na totalidade os resultados da busca por ordem do governo chinês.

Em uma época em que grande parte do nosso conhecimento chega até nós pela internet e por novas mídias, tal exclusão ostensiva de eventos históricos e de informações atuais sobre serviços de noticiários, governos democráticos, educadores e organizações de direitos humanos revela um ataque amplo à liberdade de discurso e de expressão. Mais perturbador do que ver governos reprimindo a liberdade de expressão é reconhecer que empresas, muitas vezes [empresas] dos EUA, os ajudam a assim proceder.

### RELATÓRIOS DA CHINA

A Anistia Internacional começou seus relatos sobre a questão da repressão à liberdade de expressão e de informações na internet em novembro de 2002. No relatório *Controle da Internet pelo Estado na China*, a Anistia citava diversas empresas dos EUA — Cisco Systems, Microsoft, Nortel Networks, Websense e Sun Microsystems — que teriam supostamente fornecido tecnologia utilizada para censurar e controlar o uso da internet na China. Em seguida à publicação do relatório, várias empresas repudiaram as afirmações de que talvez estivessem contribuindo para a violação dos direitos humanos na China. A Cisco Systems negou que a empresa fizesse seus produtos sob medida para o mercado chinês, afirmando que “se o governo da China quiser monitorar a internet, isso é com eles. Somos fundamentalmente neutros em matéria de

os resultados de buscas. Apesar de a sua retórica sobre direitos humanos ter adquirido novas nuances, as empresas continuam a cooperar com as práticas abusivas de governos que tiram partido da tecnologia para reprimir a livre expressão.

Em julho de 2006, a Anistia publicou mais pesquisas sobre o papel das empresas de internet dos EUA no relatório *Solapamento da Liberdade de Expressão na China*, que enfocava a colaboração do Yahoo!, Microsoft e Google com a filtragem, pelo governo chinês, de e-mails e de ferramentas de busca e com a censura do conteúdo da rede e de blogues.

O relatório descreveu como a Microsoft, por exemplo, filtra resultados de ferramentas de busca, exibindo apenas o que é sancionado pelo governo chinês. Além disso, a Microsoft negou a usuários do MSN Spaces um serviço de blogue e a capacidade de escrever e intitular seus blogues sobre determinados temas considerados inaceitáveis pelo governo chinês, como “Falun Gong”, “A independência do Tibete” e “4 de junho” (a data do massacre na Praça Tiananmen). O jornalista e blogueiro chinês Zhao Jing (também conhecido como Michael Anti), um crítico ativo da censura na China, lançou seu blogue em MSN Spaces. O blogue de Zhao foi fechado pela Microsoft em dezembro de 2005, aparentemente atendendo a solicitação de autoridades chinesas.

Em outra jogada para aniquilar a liberdade de expressão, o governo chinês condenou o jornalista Shi Tao a 10 anos de prisão por enviar um e-mail pela sua conta do Yahoo! para um site pró-democracia dos EUA. O e-mail

continha informações que o Departamento Central de Propaganda Chinês tinha relatado ao jornal em que Shi trabalhava. A instauração de processo e a condenação de Shi Tao foram possíveis porque o Yahoo! forneceu dados pessoais de possuidores de contas ao governo chinês. Apesar de o Yahoo! ter afirmado em depoimento perante o Congresso dos EUA que não sabia de nada “sobre a natureza da investigação” sobre Shi Tao, a documentação liberada da solicitação indicava o contrário.

Altos funcionários do Yahoo! compareceram perante o Comitê de Relações Exteriores da Câmara de Deputados dos EUA em novembro de 2007 para responder a uma acusação formal de que a empresa sabia estar atendendo a uma solicitação injusta de dados sobre Shi Tao. O deputado Tom Lantos, presidente do painel, afirmou ainda que o Yahoo! mentiu ao Congresso ao dizer que não conhecia a natureza da solicitação. Depois de membros do comitê de ambos os partidos políticos terem sido firmes em seu questionamento crítico e na condenação do atendimento do Yahoo! às solicitações do Bureau de Segurança Pública de Pequim e de sua relutância em indenizar as famílias da vítima, Lantos chamou o diretor executivo e o conselho geral da firma de “pigmeus” morais e seu desempenho, de “tremendamente decepcionante.”

Dez dias depois da audiência, o Yahoo! fez um acordo judicial com a família de Shi Tao e de outro jornalista chinês preso. Os jornalistas procuraram provar que a subsidiária do Yahoo! baseada em Hong Kong era responsável por sua prisão. A empresa negou responsabilidade, mas concordou em pagar aos demandantes uma quantia não revelada. (Veja o boxe seguinte, “O Dilema da Indústria da Informação.”)

Entre o inquérito inicial do Congresso em fevereiro de 2006 e a audiência mais recente em novembro de 2007, Yahoo!, Microsoft, Google e outras empresas da internet e de telecomunicações reuniram-se com organizações de direitos humanos, inclusive a Anistia, numa iniciativa para desenvolver padrões voluntários sobre livre expressão e privacidade para o setor. Porém, em aparente contradição com essa iniciativa, o Yahoo! (junto com a Microsoft e algumas empresas chinesas) assinou na China outro compromisso autodisciplinar ainda mais coercitivo sobre a capacidade de os usuários expressarem divergência política pela internet.

A organização não-governamental de defesa da imprensa Repórteres sem Fronteiras tornou públicos os detalhes do acordo pelo qual as empresas consentem em cadastrar e manter os nomes reais de blogueiros e monitorar e excluir o conteúdo “ilegal”. (Tanto o Yahoo! quanto a Microsoft declararam que não implementarão “blogs com nomes reais”, mas dado seu histórico de obedecer às

solicitações chinesas para remoção de conteúdo e fornecer dados pessoais de possuidores de e-mail, suas assinaturas nesse compromisso não são animadoras.) Fato ainda mais perturbador, o Yahoo! não pôde garantir ao Congresso que o acontecido com Shi Tao jamais acontecerá de novo.

## RESTRIÇÕES EM TODA PARTE



Soldado do Exército Vietnamita do Povo navega na internet durante exposição de tecnologia da informação em Hanói

A China, porém, certamente não é o único país a aniquilar a liberdade de expressão pela internet ou por meio de sua utilização. No Vietnã, onde leis recentes restringiram a liberdade de expressão na internet, Nguyen Vu Binh está cumprindo pena de sete anos por ter publicado críticas, parte das quais pela internet, sobre corrupção e violações dos direitos humanos. Truong Quoc Huy foi preso em um cibercafé em Ho Chi Minh; ele não recebeu nenhuma acusação pública, mas seu paradeiro é desconhecido.

Dizem que o governo militar da Birmânia está empreendendo uma campanha de atemorização contra seu próprio povo, mantendo milhares de monges e civis presos



EyePress/© AP Images

Executivos do Google expõem a marca da empresa em chinês em 2006

em condições deploráveis e de imundície, sujeitando-os a espancamentos e aterrorizando-os, bem como a suas famílias — mesmo crianças pequenas e pessoas que estavam meramente assistindo aos protestos pacíficos de setembro.

A repressão aos manifestantes políticos da Birmânia ocorreu não apenas nas ruas, mas também na internet. Durante anos, o país dedicou-se a um extenso processo de filtragem. O ponto culminante de seus esforços de censura, no entanto, talvez tenha ocorrido em 19 de setembro de 2007, quando a junta militar da Birmânia fechou o acesso à internet de uma vez e, segundo consta, acabou com a maioria dos serviços de telefonia celular depois que relatos de testemunhas oculares, fotos e vídeo de abusos feroces aos direitos humanos começaram a ser transmitidos ao mundo por meio de blogs e de outras mídias on-line.

Os protestos políticos e a resposta do governo de agosto a outubro de 2007 na Birmânia mostram o poder da internet para promover a democracia e os direitos humanos, bem como para satisfazer os desejos de regimes repressores quanto à limitação da capacidade de comunicação de seus cidadãos com o mundo.

É essa dicotomia que deu origem a *irrepressible.info* [<http://irrepressible.info/>], uma campanha baseada na rede para atrelar a tecnologia da internet ao fim da censura. A rede é uma ferramenta inigualável de expressão, a despeito dos crescentes esforços para controlar e censurar e para perseguir e prender pessoas que criticam seus governos on-line e exigem democracia, imprensa livre e proteção dos direitos humanos. Desenvolvida pela Anistia Internacional e apoiada

pelo *Observer* do Reino Unido e pela Iniciativa OpenNet, a *irrepressible.org* relatou na internet a repressão no mundo, em países que incluíam Birmânia, China, Vietnã, Tunísia, Irã, Arábia Saudita e Síria.

A *irrepressible.info* incentiva as pessoas a publicar “fragmentos” de conteúdo que, não fosse isso, seriam censurados por governos e empresas que colaboram com eles. Ela pede que as pessoas se comprometam a exigir que os governos abandonem a restrição injustificada à liberdade de expressão pela

internet e que as empresas deixem de ajudá-los a fazer isso. Ela serve de repositório de notícias sobre censura on-line.

Em novembro de 2006, a Anistia apresentou a assinatura de 50 mil pessoas que haviam encaminhado seu firme compromisso ao presidente do Fórum de Governança da Internet (IGF), da ONU. Milhares de pessoas continuam a encaminhar seu compromisso, e a Anistia continuará a trabalhar para a concretização e a proteção da liberdade de discurso e de expressão on-line por estruturas internacionais como o IGF e por meio do apoio a iniciativas nacionais legislativas que garantam que as empresas dos EUA não contribuam para o impedimento injustificável da manifestação aberta e pacífica de idéias pela internet.

Os que apóiam a liberdade de expressão pela internet anseiam pelo dia em que governos e empresas tornarão obsoleto este artigo e suas preocupações. Conclamo o leitor a tentar a experiência de busca mencionada no primeiro parágrafo em algum momento no futuro. Seria bom se todos descobrissem que a discrepância de resultados descrita não existe mais e que todos têm uma visão desobstruída do mundo. O grau em que este artigo tornar-se antiquado e a *irrepressible.info*, irrelevante, serão a medida de nossa realização coletiva. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

## O Dilema da Indústria da Informação

As empresas de alta tecnologia estão numa situação delicadíssima no comércio global ao tentar fazer negócios em sociedades fechadas ou repressoras.

Elas lidam com produtos de informação e de comunicação que podem dar ao usuário acesso a uma riqueza de conhecimentos acumulados e disseminados, provenientes literalmente de milhões de fontes.

Porém, para dirigir esses negócios no mercado global, elas precisam primeiro entender-se com alguns governos que não permitem a seus cidadãos ter acesso a conhecimentos e idéias passíveis de ameaçar seus controles.

Esse foi o problema que os executivos do Yahoo! desprezaram quando membros do Congresso dos EUA criticaram as práticas comerciais da empresa em audiência pública realizada no início de novembro de 2007.

O co-fundador e diretor executivo do Yahoo!, Jerry Yang, expressou o dilema da seguinte maneira: “Também sei que governos do mundo inteiro prendem pessoas simplesmente por emitirem suas opiniões on-line. Isso vai contra todas as minhas crenças pessoais e profissionais.”

Uma semana depois, o Yahoo! concordou em pagar importância não revelada para fazer acordo sobre uma ação legal que acusava a empresa de ter alguma responsabilidade pela prisão de jornalistas chineses por sua atividade na internet.

Shi Tao e Wang Xianoning, ambos cumprindo pena de 10 anos, foram presos depois de o Yahoo! ter atendido a uma ordem do governo chinês e fornecido as informações que o governo usou para vincular os jornalistas a atividades de dissidência na internet. Foi isso que deixou indignados alguns dos legisladores dos EUA e organizações não-governamentais.

Com o acordo da ação legal, o Yahoo! fornecerá apoio financeiro às famílias dos presos e criará um fundo de assistência humanitária para ajudar outros dissidentes políticos e suas famílias.

“Depois de reunir-me com as famílias, ficou claro para mim o que deveríamos fazer para nos retratar para elas, para o Yahoo! e para o futuro”, disse Yang em declaração citada em noticiários de imprensa. “O



Ng Han Guan/AP Images

Rapazes chineses navegam na internet diante de propaganda do site do Yahoo

Yahoo! foi fundado a partir da idéia de que a livre troca de informações pode mudar de maneira fundamental o modo como as pessoas vivem suas vidas, dirigem seus negócios e interagem com seus governos. Nós nos comprometemos a garantir que nossas ações sejam coerentes com nossos valores em todo o mundo.”

Na audiência do Congresso, Yang discorreu sobre a iniciativa da empresa nesse sentido, descrevendo o envolvimento do Yahoo! em um diálogo sobre direitos humanos entre representantes do setor, acadêmicos, investidores e organizações não-governamentais de direitos humanos e de outras áreas.

“Esse grupo heterogêneo comprometeu-se publicamente a criar um conjunto de princípios globais e procedimentos operacionais sobre liberdade de expressão e privacidade para guiar o comportamento da empresa diante de leis, regulamentos e políticas que interferem com os direitos humanos”, de acordo com o depoimento de Yang ao Congresso.

O Centro para Democracia e Tecnologia (CDT), uma organização não-governamental com sede em Washington, está ajudando a desenvolver esse código de conduta. Segundo o porta-voz do CDT, espera-se que esse conjunto de princípios já esteja completo nos primeiros meses de 2008. ■

*Charlene Porter*

# Jornalismo Cresce e Depois Tropeça na República da Geórgia

Karl Idsvoog

*Se a política do mundo real fosse como nos contos de fada, então a queda de um governo repressivo e a instituição da democracia resultariam em uma imprensa livre, cidadãos fortalecidos e uma população mais bem equipada com informações para tomar as decisões nacionais. Mas o mundo não é um conto de fadas.*

*Na ex-República Soviética da Geórgia, em 2003 uma revolução pacífica resultou no fim de um governo repressor e corrupto. Nos anos seguintes, a nação do Cáucaso fez apenas um progresso hesitante rumo a um final feliz. Imediatamente após o que ficou conhecido como Revolução das Rosas, o novo governo iniciou reformas e começou a voltar-se para o Ocidente, mas rachou devido às disputas internas. Semanas antes desta publicação ser lançada, o governo enfrentou protestos de rua e alegações de aliança com a Rússia. O presidente respondeu declarando estado de emergência. Essa medida levou ao fechamento de todas as empresas privadas de notícias, o que durou semanas e recebeu condenação internacional.*

*A mídia da Geórgia não desfrutou da liberdade vivenciada por seus pares em outras nações onde as reformas políticas foram alcançadas, e as razões disso ainda não são bem compreendidas. O estudo Liberdade de Imprensa 2007, lançado pela organização sem fins lucrativos Casa da Liberdade, fez a seguinte avaliação da situação da mídia:*

A Constituição da Geórgia e a Lei de Liberdade de Discurso e de Expressão garantem liberdade



Cidadãos da Geórgia se defendem de jatos de água lançados pelas forças de segurança na capital Tbilisi

George Abdaladze/AP Images

de expressão, mas durante todo o ano de 2006, o governo restringiu cada vez mais a liberdade de imprensa. As restrições raramente assumiram a forma de pressão direta, embora tenha havido relatos de perseguição e agressão física a jornalistas por funcionários do governo. Proprietários e diretores de meios de comunicação continuam a exercer pressão sobre os jornalistas em um esforço para manter laços cordiais com as autoridades. O resultado é que os jornalistas frequentemente praticam a autocensura.

*O professor e jornalista de televisão americano Karl Idsvoog fez diversas viagens à Geórgia entre 2002 e 2006 para dar treinamento a alunos de jornalismo de rádio e TV na Escola de Jornalismo do Cáucaso. Idsvoog, professor da Escola de Jornalismo e Comunicação de Massa da Universidade Estadual de Kent em Ohio, manteve contato com jornalistas georgianos, que descreveram seu desencanto com a maneira pela qual a Revolução das Rosas afetou sua profissão.*

**E**m 2001, era muito difícil ser jornalista na República da Geórgia. Havia um veículo que não recuava, não desistia e resistia como nenhum outro no mundo pós-soviético. Era o canal de televisão Rustavi 2.

Em 2001, reportagens duras resultavam em reações duras. O âncora da Rustavi 2 Giorgi Sanaya, de 26 anos, foi assassinado. Muitos acreditam que foi em retaliação às suas reportagens. Sanaya questionou as políticas e as práticas do presidente Eduard Shevernadze, mas não estava sozinho no questionamento do governo de Tbilisi.

Akaki Gogichaishvili, âncora e criador do programa investigativo *60 Minutes*, afirmou que seu pai foi demitido de seu emprego público em retaliação a reportagens que fez. O âncora investigativo disse que todos os membros de sua equipe haviam sido ameaçados. Jornalistas relataram que atendiam ao telefone e ouviam uma voz dizer: “Você será morto amanhã” ou “Vamos raptar seus pais”.

Em 2001, ameaçar jornalistas não era suficiente. O diretor de Notícias e principal âncora da Rustavi 2, Nick Tabatadze, recebeu um telefonema ameaçando toda a estação. Segundo Tabatadze, o ministro do Interior da Geórgia ameaçou enviar soldados militares para revistar a estação. Tabatadze respondeu informando a ameaça no noticiário da noite. Na semana seguinte, o governo deu o troco. O ministro da Segurança enviou agentes que exigiram

os registros financeiros da estação. De novo, Tabatadze respondeu noticiando o que estava acontecendo; mas dessa vez fez isso ao vivo. Instruiu os fotógrafos a ligar as câmeras. Em minutos, a Rustavi 2 estava transmitindo a incursão do governo em uma redação de tevê para todos os televisores da Geórgia. Para mostrar seu apoio à Rustavi 2, os cidadãos foram para a frente da estação e fizeram vigília durante toda a noite; no dia seguinte, marcharam para o Parlamento.

Era um momento perigoso, porém estimulante, para ser jornalista na Geórgia.

Aí veio a Revolução das Rosas. Shevernadze recuou. O líder pró-democracia Mikhail Saakashvili interveio. Os jornalistas da Geórgia dizem que a mídia não compartilhou dos benefícios da Revolução das Rosas.

### SEGUINDO A LINHA DO PARTIDO

Duas estações, a Channel 9, que tentou diligentemente fazer um noticiário isento, e a Iberia, fecharam. Na Rustavi, mudou a direção e também a linha de reportagem.

Desde então, Natia Abramia está fora do país, mas passou oito anos fazendo reportagens na Geórgia e esteve na Rustavi 2 antes e depois da revolução. Apesar da atmosfera ameaçadora da era Shevernadze, Abramia lembra-se da considerável liberdade da mídia naquela época. “Não era profissional e responsável, mas era livre.”

Segundo Abramia, após a Revolução das Rosas todo mundo começou a falar de “autocensura”. A Rustavi 2, estação que já desafiou destemidamente as autoridades do governo para que explicassem suas ações, agora telefona para pedir conselhos sobre o que dizer. “Presenciei jornalistas lendo suas reportagens para funcionários do governo ao telefone”, contou Abramia. Segundo ela, os jornalistas que não seguiam a linha oficial tiveram “problemas”.

Um jornalista profissional que não quis ser identificado para não colocar em risco seu emprego na Rustavi 2, descreve o ambiente de trabalho dos jornalistas com uma única palavra: “degradante”.

O processo editorial por ele descrito lembra os tempos soviéticos. “Não temos permissão para criticar o presidente, o ministro da Economia, o ministro da Defesa ou o ministro de Assuntos Internos. A cobertura dessas estruturas governamentais inclui apenas tópicos ‘positivos’.”

Outro produtor, editor e videógrafo



Justyna Mielnikiewicz © The New York Times/Redux

Emoções à flor da pele durante os confrontos nas ruas de Tbilisi entre manifestantes antigoverno e as forças de segurança em novembro de 2007

veterano, que deixou a redação mas mantém contato com jornalistas de todas as estações de Tbilisi, diz com tristeza: “Não deveria ser do jeito que é agora.” Por razões profissionais, ele também pediu para não ser identificado. Solicitado a comparar a situação do jornalismo na Geórgia hoje com antes da Revolução das Rosas, ele simplesmente diz: “Está pior.”

Natia Abramia concorda: “Os jornalistas locais consideram que está cada vez mais perigoso investigar, questionar ou criticar o governo.”

### TENTANDO FAZER A DIFERENÇA

A jornalista Nino Zuriashvili e o editor-videógrafo Alex Kvatashidze costumavam produzir algumas das reportagens investigativas mais completas da Rustavi 2. Mas Zuriashvili agora descreve a estação que costumava ter uma postura jornalística tão agressiva como “nada além de uma voz do governo”.

E ela não acha que a Geórgia estará bem servida pela empresa de televisão MZE, que foi comprada pelo irmão do ministro de Relações Exteriores. Frustrados com o declínio do jornalismo sério desde a Revolução das Rosas, em janeiro de 2007, com recursos da Comissão Européia, Zuriashvili e Kvatashidze abriram sua própria empresa de produção investigativa, a Monitor Studio. Encontrar reportagens com conteúdo não foi problema, mas encontrar pessoas dispostas a transmiti-las tem sido.

Zuriashvili e Kvatashidze receberam a informação de que dois georgianos inocentes haviam sido presos, torturados e condenados com base em provas forjadas, plantadas por agentes de segurança do governo sob as

ordens de um alto funcionário do governo da Geórgia.

A equipe de reportagem não foi a única a confirmar os fatos; o ouvidor do governo, defensor público da Geórgia, também confirmou.

Sozar Subari convocou uma coletiva de imprensa para anunciar os resultados de suas apurações. Era uma coletiva de imprensa típica. Os microfones de todas as estações estavam lá. “Surpreendentemente”, diz Alex Kvatashidze, nos noticiários daquela noite “não havia nada”. Os noticiários das tevês não informaram sobre as descobertas negativas, apesar de terem vindo de uma fonte do governo.

Zuriashvili e Kvatashidze fizeram uma apresentação especial de sua investigação, convidando funcionários de embaixadas, dirigentes de organizações não-governamentais, jornalistas e diretores de Notícias dos principais veículos de comunicação de Tbilisi, capital da Geórgia e sede das principais empresas de mídia. A equipe de reportagem ofereceu a investigação completa a qualquer empresa jornalística que estivesse interessada, gratuitamente. Nenhuma estação de Tbilisi noticiou a reportagem.

Mesmo quando as emissoras não querem noticiar, hoje a tecnologia faz com que seja praticamente impossível para governos e empresas controlar a comunicação. A Rustavi 2 pode ter, como dizem os críticos, se tornado a voz do governo. Mas a tecnologia está permitindo aos jornalistas fazer o que sempre fizeram: reportagens de substância e significância para as pessoas.

E é essa combinação de tecnologia e perseverança jornalística que mantém Kvatashidze otimista. “Nós (e outros como nós) ainda estamos tentando passar a mensagem para o público”, diz, acrescentando com certeza: “O jornalismo não está morto na Geórgia.”

A investigação da Monitor Studio sobre a prisão ilegal de dois georgianos está disponível em <http://tinyurl.com/2rpo3g>. ■

### Vídeo On-line

#### • *Raid on Rustavi 2*

O jornalista de TV Karl Idsvoog estava na Geórgia em 2001, no dia em que a televisão mostrou seu poder de influenciar pessoas e desmascarar um governo.



<http://usinfo.state.gov/journals/itgic/1207/lijg/ijge1207.htm>

Usado com permissão

*TAs opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# A Nova Mídia e a Política dos EUA

Thomas B. Edsall



© Matt Campbell/epa/Corbis

Operador de câmera trabalha na frente de uma grande tela de vídeo montada no palco da CNN/YouTube para o debate das primárias republicanas realizado em São Petersburgo, na Flórida, em novembro de 2007. O debate foi o segundo de dois que utilizaram o formato de perguntas feitas pelos cidadãos via vídeos transferidos para o YouTube.com. Os presidentiáveis do partido Democrata participaram do debate na CNN/YouTube em julho

*As novas tecnologias com seus usuários mais experientes estão deixando sua marca em muitas campanhas eleitorais nos EUA – expondo gafes de candidatos, aumentando a captação de recursos e remodelando o ciclo de noticiários.*

*Thomas B. Edsall é professor da cátedra Joseph Pulitzer II e Edith Pulitzer Moore de Reportagens sobre Assuntos Nacionais na Escola de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade de Colúmbia, na cidade de Nova York. Edsall cobriu a política americana por 25 anos no Washington Post e atualmente é correspondente para a New Republic, editor contribuinte da National Journal, e editor político do Huffington Post, uma publicação on-line.*

A Rede Mundial de Computadores e a explosão de “nova mídia” que a acompanhou revolucionaram a política dos EUA em pelo menos quatro áreas, criando: 1) formas inovadoras de chegar até os eleitores; 2) um sistema de notícias radicalmente transformado; 3) uma multidão sem precedentes de pequenos doadores; e 4) grupos de interesse poderosos de esquerda e de direita.

O que mais chama a atenção é que vários candida-

tos iniciaram a campanha oficial em 2007 anunciando na internet sua intenção de concorrer à Presidência, um distanciamento radical da tradição de fazer essas declarações diante de multidões locais, em geral na cidade de origem do candidato.

A senadora democrata Hillary Clinton, por exemplo, para anunciar a formação de seu comitê exploratório presidencial — evento importante —, utilizou um vídeo na internet em que aparecia sentada no sofá de sua sala de visitas em Chappaqua, Nova York.

“Vamos conversar. Vamos bater papo. Vamos iniciar um diálogo sobre as suas idéias e as minhas”, disse Clinton aos expectadores. “E embora eu não possa estar nas salas de todos vocês, posso tentar. Com uma pequena ajuda da tecnologia moderna, estarei on-line esta semana, a começar na segunda-feira, para bater papo ao vivo com vocês. Então, vamos iniciar a conversa.”

As vantagens para o candidato são substanciais. Diferente de um evento público em que a imprensa faz perguntas, o anúncio pela internet está sob controle total da campanha; pode ser retocado muitas vezes, até



Ron Edmonds/© AP Images

O democrata James Webb anuncia sua vitória na disputa por uma cadeira no Senado dos EUA em 2006, enquanto segura as botas de combate usadas pelo seu filho, fuzileiro naval em serviço no Iraque. A vitória de Webb veio depois que seu oponente republicano, o candidato à reeleição George Allen, cometeu uma gafe de campanha que foi gravada em videotape e amplamente divulgada

ficar impecável, ao mesmo tempo que passa uma sensação de intimidade e espontaneidade.

### ARMADILHAS E POSSIBILIDADES

Muitos outros avanços tecnológicos que sustentam a nova mídia não são tão vantajosos para as campanhas. Na verdade, eles criaram um novo cenário de armadilhas em potencial.

Sempre que aparecem em algum evento público, os candidatos agora estão sujeitos à observação constante pelas equipes e simpatizantes de seus adversários, equipados com pequenas câmaras digitais e gravadores fáceis de usar.

Em 2006, o senador George Allen, republicano da Virgínia que era favorito para vencer a reeleição, acabou perdendo para o democrata James Webb. A campanha de Allen foi irreparavelmente prejudicada depois que ele ridicularizou um membro da equipe de Webb que o filmava: “Este camarada aqui, de camisa amarela, macaca, ou qualquer que seja o seu nome. Ele trabalha para o meu adversário. Ele nos segue em todos os lugares... Vamos dar as boas-vindas para o macaca aqui. Bem-vindo à América e ao mundo real da Virgínia.” Em algumas culturas europeias, “macaca” é

um termo pejorativo usado para descrever imigrantes africanos.

O assim chamado vídeo do macaca tornou-se um importante evento da campanha, visto centenas de milhares de vezes no YouTube, o site de vídeo da internet acessível ao público, e exibido repetidas vezes na televisão, tanto local quanto nacional.

Um presidenciável que foi muito beneficiado pela nova tecnologia foi o representante republicano Ron Paul, do Texas. Embora dificilmente consiga a indicação de seu partido para presidente nas eleições de 2008, os princípios libertários de Paul deram-lhe muitos simpatizantes na internet,

onde é muito popular em sites como MySpace e YouTube.

Para Paul, a internet valeu a pena, ajudando-o a levantar US\$ 5,3 milhões no terceiro trimestre de 2007, quase tanto quanto o muito mais conhecido senador John McCain, republicano do Arizona, que conseguiu US\$ 5,7 milhões.

Três outros usos sem precedentes da nova mídia já afetaram as eleições presidenciais de 2008. Em um, um assessor de campanha do senador Barack Obama, democrata de Illinois — trabalhando não oficialmente — pegou um anúncio da Apple Computer que comparava o papel dominante da Microsoft ao governo ditatorial descrito no romance *1984*, de George Orwell, e o converteu em outro que retratava Hillary Clinton como uma ditadora todo-poderosa.

A campanha de Obama declarou não ter relação com o anúncio e o assessor demitiu-se, mas o pseudo-comercial foi visto cerca de 1 milhão de vezes no YouTube, para constrangimento de Hillary Clinton.

Obama, por sua vez, ficou constrangido com um vídeo produzido de maneira independente e postado no YouTube, conhecido como “Obama Girl”. Nele, a modelo e atriz Amber Lee Ettinger cantolava uma música, “I Got a Crush... on Obama” [Tenho uma



O deputado Ron Paul cumprimenta eleitores no estado de New Hampshire em campanha para sua indicação para presidente pelo partido Republicano

juntamente com um provedor de hospedagem de blogues que arquiva noticiários para esses e outros sites, constituem uma base eleitoral que os candidatos democratas evitam ofender. Pelo contrário, muitos candidatos e os principais membros de sua equipe realizam teleconferências regularmente com a comunidade da blogosfera de esquerda e procuram a cobertura mais favorável possível.

- O sucesso do candidato presidencial democrata Howard Dean na captação de grandes somas de dinheiro de pequenos doadores por meio de links de cartões

queda... por Obama] enquanto dançava sedutoramente.

O vídeo foi muito menos danoso para a campanha de Obama do que uma seqüência de filme gravada secretamente — também postada no YouTube — do candidato democrata à presidência John Edwards sendo maquiado antes de aparecer na televisão. Ao som de música e letra de uma canção do musical *West Side History*, Edwards é mostrado penteando e afofando seu cabelo repetidamente. A letra da canção usada como música de fundo diz: “I feel pretty, oh so pretty, oh so pretty and witty tonight...” [Estou lindo, oh tão lindo, oh tão lindo e espirituoso esta noite...]

A ampla distribuição desse vídeo na internet não teria sido tecnicamente viável em 2004.

### EFEITOS DISCRETOS

Ao mesmo tempo, houve uma série de desenvolvimentos mais sutis e menos visíveis originados pela expansão dos recursos da nova mídia. Entre eles:

- A internet tornou-se o veículo de mobilização da esquerda contra a guerra, transformando-se num influente grupo de interesse democrata que todos os candidatos e líderes do Congresso agora precisam tratar com respeito e deferência especial.

Sites como o OpenLeft, o Atrios e o DailyKos,

de crédito na internet em 2004 foi agora reproduzido por todos os principais candidatos democratas às eleições de 2008 e, em dimensão menor, mas significativa, pelos candidatos republicanos. Uma conseqüência foi o aumento enorme no número de pequenos doadores e a diminuição do valor médio das contribuições. Principalmente para Barack Obama, essa tendência tornou viável uma candidatura improvável para um candidato relativamente novo na política nacional.

Para os democratas e os comitês do partido Democrata, a onda de pequenos doadores na internet contribuiu significativamente para o equilíbrio no campo de atuação financeiro em 2004 e até para ganhos maiores no ciclo atual (2007-2008). Pela primeira vez em no mínimo três décadas, os democratas em geral este ano estão mantendo uma vantagem financeira substancial sobre os republicanos, partido que tem sido tradicionalmente capaz de obter recursos financeiros consideráveis para financiamento de campanha.

- Os sites políticos na internet estão amadurecendo, tornando-se, sob muitos aspectos, tão ou mais importantes do que os jornais. Os sites Politico, Huffington Post, Salon, Slate, National Review Online e Wall Street Journal Online tornaram-se, em apenas alguns anos, agentes principais na cobertura de eleições e formulação de políticas.

## Principais sites de notícias

A tabela apresenta números de visitantes exclusivos de sites de internet dedicados à cobertura de notícias e eventos públicos, calculados por Nielsen Online, serviço da Nielsen Company, conhecida como uma das líderes mundiais em medição de audiência. A tabela reflete dados de outubro de 2007, os últimos disponíveis para a imprensa. Os dados são do painel Net View, serviço da Nielsen para estações independentes.

Marca ou Canal	Audiência exclusiva (em milhares)	Tempo por pessoa/mês (hh:mm:ss)
Todos os eventos atuais e notícias globais	95.701	1:24:02
Yahoo! News	33.171	0:25:38
CNN Digital Network	30.218	0:36:27
MSNBC Digital Network	29.841	0:26:18
AOL News	20.672	0:30:19
NYTimes.com	17.502	0:34:53
Gannett Newspapers	13.560	0:23:59
Tribune Newspapers	13.,031	0:12:15
WorldNow	11.851	0:10:57
Google News	11.114	0:11:12
ABCNEWS Digital Network	10.847	0:07:34
Fox News Digital Network	9.480	0:41:05
USATODAY.com	9.469	0:16:13
CBS News Digital Network	9.394	0:08:48
McClatchy Newspaper Network	9.300	0:08:48
washingtonpost.com	8.681	0:17:22
MediaNews Group Newspapers	7.723	0:10:52
Hearst Newspapers Digital	7.418	0:14:24
Advance Internet	6.713	0:15:08
Topix	6.425	0:04:11
IB Websites	6.298	0:15:22

Usado com permissão

O Huffington Post, por exemplo — do qual participo atualmente no desenvolvimento de cobertura política —, em muitos aspectos reproduz todo o conteúdo que os jornais impressos oferecem, com uma “primeira página” de notícias nacionais e estrangeiras, bem como uma página de política, uma página de mídia e seções de entretenimento e social. Uma vantagem das entidades de mídia on-line é a nova capacidade

tecnológica de hiperligar-se com facilidade a literalmente milhares de outras novas fontes, desde versões on-line de recursos da “mídia tradicional” — como o *New York Times* [[www.nytimes.com](http://www.nytimes.com)], o *Washington Post* [[www.washingtonpost.com](http://www.washingtonpost.com)], o *Los Angeles Times* [[www.latimes.com](http://www.latimes.com)] e assim por diante — a grandes quantidades de “listas de blogues favoritos” conservadores e progressistas que, por sua vez, conectam os usuários a sites políticos variados, tais como RealClearPolitics, TalkingPointsMemo, Instapundit, Taegan Goddard’s PoliticalWire e Drudge Report.

- Em 2000, as campanhas lidaram com um ciclo noticioso adaptado para noticiários de televisão que iam ao ar das 18h às 19h e para jornais com fechamento entre 21h e 23h. Atualmente, administradores de sites de internet estão sempre procurando novos desdobramentos, e um evento político importante às 14h já produziu na internet, até

a hora do noticiário vespertino de televisão, múltiplas rodadas de reações e críticas de adversários e analistas.

- O surgimento de sites de internet de esquerda, de direita e neutros criou uma caixa de ressonância instantânea para a difusão de reações à mudança de sorte das campanhas políticas. Nos debates presidenciais, por exemplo, as equipes de campanha estão constantemente buscando comentários na internet que elogiem

o desempenho de seus candidatos e critiquem o desempenho dos outros. Esses comentários, por sua vez, são imediatamente enviados por e-mail como press releases para jornalistas da grande imprensa, ou mídia tradicional, e da nova mídia, assim como para outros comentaristas que cobrem o debate.

A rapidez das mudanças no cenário político atual, resultado de tecnologias de comunicação e de informação inovadoras, se as tendências passadas servirem como guia, vão se acelerar, sugerindo que as novidades da campanha de 2008 são um modesto precursor da transformação radical que ocorrerá em 2012 e 2016. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Mídia Nova Versus Mídia Antiga

David Vaina



Dino Vourmas/AP Images

Joe Kraus, da JotSpot.com, posa na frente da imagem do site de sua empresa em foto de 2005. A JotSpot desenvolveu um modelo colaborativo de software, conhecido como wiki, que possibilita aos usuários criar e editar livremente conteúdo para a internet. Em 2006 a Google adquiriu a JotSpot

*Novas tecnologias levam a novas plataformas e novos estilos de mídia. À medida que as novas formas conquistam mais audiência, aumenta o debate sobre se os adeptos da nova mídia observam as normas profissionais consagradas que distinguem o jornalismo das páginas de fofocas.*

*David Vaina é pesquisador associado do Projeto Excelência em Jornalismo (PEJ), organização sem fins lucrativos sediada em Washington, D.C., voltada para a análise e o estudo da atuação da mídia jornalística. O PEJ descreve a si próprio como apartidário, não ideológico e apolítico. A organização é filiada ao Centro de Pesquisa Pew.*

**N**os anos 1970, perguntaram ao primeiro-ministro da China, Zhou Enlai, o que ele considerava mais significativo na Revolução Francesa de 1789. Segundo consta, ele permaneceu em silêncio por um instante e depois respondeu: “Ainda é muito cedo para saber.” O mesmo poderia ser dito quando se avalia o impacto do que está sendo chamado de revolução da mídia cidadã no discurso político dos Estados Unidos.

Há preocupações justificáveis sobre possíveis desdobramentos negativos à medida que passamos de uma era tradicional de jornalismo *gatekeeping* (seleção de informações) para um jornalismo moldado, ao menos em parte, por uma blogosfera descentralizada para a qual os cidadãos se voltam hoje em dia a fim de obter informações sobre a Casa Branca, o Congresso, a guerra no Iraque e outras questões de política externa de fontes não profissionais.

Defensores dessa nova forma de jornalismo argumentam que as novas fontes não pertencentes ao cenário da mídia dominante irão, com o tempo, enriquecer e não prejudicar a qualidade do discurso público.

É bem possível que as duas coisas sejam verdadeiras até certo ponto. Avaliar esse equilíbrio pode levar décadas, não anos, e seu impacto na democracia dos Estados Unidos só será conhecido quando a metamorfose estiver completa.

## A BOLA DA VEZ

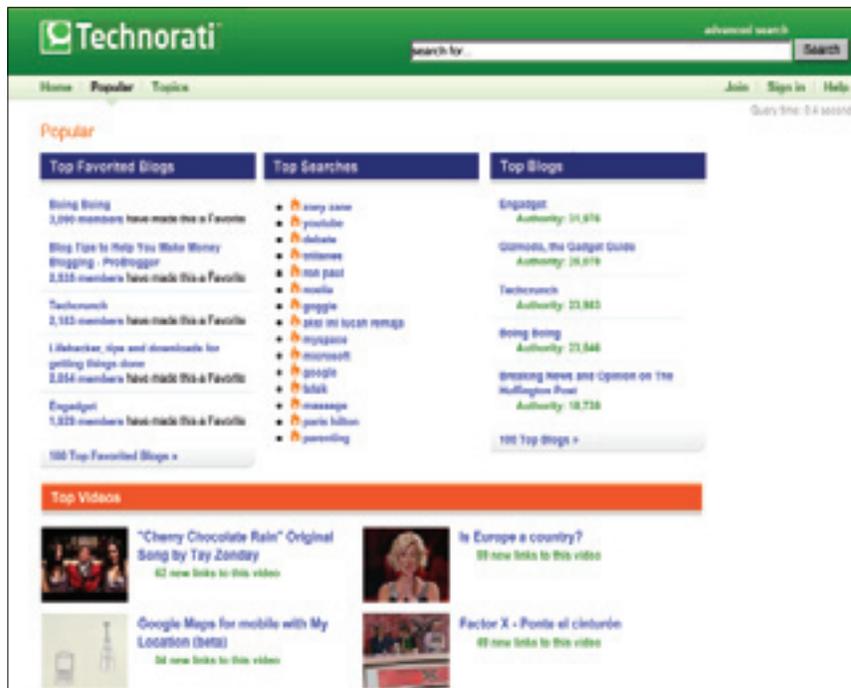
Grande parte da preocupação com o crescimento do jornalismo cidadão (exemplo: blogues, wikis, YouTube) gira em torno da idéia de que a informação é menos precisa porque pode não ter sido confirmada da forma tradicional como sempre fizeram os editores nas redes de jornais e televisão. É só lembrar do escândalo que atormentou o candidato democrata à Presidência John Kerry em 2004 por seu suposto envolvimento com uma jovem estagiária.

Matt Drudge, considerado o “jornalista mais influente dos Estados Unidos” pela revista *New York*, no início deste ano declarou que no auge das primárias presidenciais de 2004, o senador John Kerry teria se envolvido com uma mulher bem mais jovem (cujo nome Drudge não revelou) e que esse relacionamento teria posto fim às suas esperanças de vencer George Bush naquele ano.

Não há indícios de que Drudge tenha entrevistado essa moça ou alguém da campanha de Kerry para confirmar a alegação antes de publicar a reportagem no *Drudge Report*, o sexto site de notícias mais popular nos Estados Unidos segundo dados da Hitwise da semana de 22 de setembro de 2004.

Tanto Kerry quanto a jovem negaram qualquer relacionamento dessa natureza e, por fim, nunca se encontraram provas contundentes que confirmassem o caso. As principais organizações noticiosas recusaram-se a divulgar a história de forma categórica por julgarem as evidências “extremamente inconsistentes”.

Kerry foi em frente e conseguiu a indicação de seu partido, mas essa história contribuiu para o cinismo que os americanos demonstram com relação às suas autoridades eleitas? Como disse à revista *New York* David Frum, ex-redator de discursos de Bush que escreveu sobre o relacionamento de Kerry no site *National Review*, o material divulgado na internet pode converter mito em realidade em um período de tempo incrivelmente curto: “Li sobre [o boato] no jornal, ouvi a respeito, comentei sobre [isso], mas não noticiei o caso. Brinquei com o assunto na internet, como faria durante um jantar. Depois aprendi que a internet é como publicar, e não



O site Technorati é autoridade reconhecida no tráfego de blogues e de conteúdo gerado pelo usuário na internet. Os administradores do site dizem estar gerenciando quase 113 milhões de blogues e mais de 250 milhões de páginas em mídia identificada como social. O Technorati contabiliza a postagem de 1,6 milhão de novos blogues por dia [www.Technorati.com]

como fazer comentários durante um jantar.”

Embora os tradicionalistas receiem o jornalismo sem confirmação da notícia, é possível que os entusiastas da nova mídia considerem seu ofício completamente diferente do que é praticado pelo *New York Times* ou pelo *Wall Street Journal*, dois baluartes da grande imprensa nos EUA. Segundo pesquisa do Pew Internet & American Life Project, apenas um terço (34%) dos blogueiros vêem o blogue como uma forma de jornalismo; cerca de dois terços (65%) não o consideram dessa forma. Somente 56% disseram que “às vezes” ou “freqüentemente” despendem tempo adicional tentando confirmar as notícias que colocam em seus blogues.

As novas mídias também são criticadas pela prática de criação de blogues anônimos. A mesma pesquisa do Pew revelou que 55% dos blogueiros escrevem suas páginas usando pseudônimo. A preocupação é que os blogueiros fiquem mais propensos a publicar boatos falsos, já que é mais difícil rastreá-los até a sua origem quando não se consegue associar um nome à informação colocada no blogue.

E, além disso, há o receio de que essa aparente falta de responsabilidade venha a inspirar os blogueiros não apenas a fornecer informações apócrifas, mas também a contribuir para um tom imaturo e grosseiro nos quadros



O cartunista Matt Wuerker trabalha em um desenho para *Político*, publicação que circula nas versões impressa e eletrônica

de mensagens dos blogs. Se isso acontecer, será que somente os mais “aficionados políticos” serão capazes de tolerar esse ambiente, desestimulando e afastando ainda mais o eleitorado?

#### **QUAL A IMPORTÂNCIA DOS BLOGUES?**

Se os políticos americanos foram ou não seriamente prejudicados pelos jornalistas cidadãos nos últimos anos é uma questão de debate acirrado nos círculos políticos e jornalísticos. Mas dados econômicos e de pesquisas sugerem que o alcance da mídia cidadã talvez não vá tão longe quanto alguns afirmam.

Primeiro, analisemos a propaganda política on-line. De acordo com estimativas, nas eleições de 2006 foram gastos US\$ 40 milhões em propaganda na web, 38% acima dos US\$ 29 milhões gastos nas eleições de 2004. É um montante considerável, mas ainda responde por apenas 1% do total dos dólares gastos em propaganda política em todas as mídias em 2006; e os blogs são apenas um subconjunto desse 1%.

Segundo, embora a porcentagem de pessoas que apontam a internet como sua principal fonte de notícias tenha aumentado para 26%, a grande maioria dos americanos ainda recebe as notícias pela TV. Um levantamento

do Centro de Pesquisa Pew para a População e a Imprensa revela que dois terços dos americanos dizem preferir a televisão. Mais uma vez, os blogs e outras formas de mídia cidadã são apenas um componente das notícias on-line, cujos maiores índices de audiência são gerados em grande parte pelos sites das empresas de mídia mais ricas, como CNN.com da Time Warner, Yahoo News, AOL News e USA Today.com da Gannett. O noticiário nesses sites é de natureza preponderantemente tradicional, o que sugere que a maioria dos americanos, quando está on-line, ainda consome notícias que seguem os princípios consagrados de precisão e veracidade.

Outros sinais sugerem ainda que os americanos continuam hesitantes em deixar o tipo de jornalismo praticado pela mídia tradicional, mesmo que estejam abandonando alguns formatos dessa mídia, como os jornais de modo geral. Outro levantamento do Centro de Pesquisa Pew para a População e a Imprensa revelou que 68% das pessoas preferem obter informações de fontes imparciais, enquanto apenas 23% querem notícias que confirmem suas opiniões.

A tendência ao jornalismo opinativo não se limita à mídia on-line. Nas emissoras de TV a cabo, algumas das maiores atrações são personalidades como Bill O'Reilly e Keith Olbermann, que oferecem soluções altamente

politizadas para os problemas do país. Em outubro de 2007, escrevendo para a *Nation*, a principal revista liberal dos Estados Unidos, Marvin Kitman declarou que “o estilo objetivo, ‘é assim que as coisas são’ usado nos noticiários noturnos de todas as redes é muito antiquado e ultrapassado”, e pediu às redes que adotassem sua própria versão da tendência esquerdista de Olbermann. Uma mudança dessa natureza representaria um afastamento radical do compromisso histórico das redes de televisão com a neutralidade, como disse certa vez o falecido Richard Salant, presidente da CBS News nos anos de 1960 e 1970: “Nossos jornalistas não fazem reportagem com base em seus pontos de vista. Eles as apresentam com o ponto de vista de *ninguém*.”

O montante de recursos investidos na coleta de notícias é outra questão que afeta a mudança do ambiente jornalístico nos Estados Unidos. Com a eliminação substancial de postos de trabalho nos jornais, há bem menos repórteres disponíveis para cobrir eventos do que no início desta década. Dados da Sociedade Americana de Editores de Jornais mostram uma redução de aproximadamente 3 mil funcionários em tempo integral nas redações, comparando-se com o recente pico do setor de

56.400 profissionais em 2000. Muitas pessoas receiam que isso venha a enfraquecer rapidamente o papel de fiscalizador das ações do governo e das grandes empresas exercido pelos jornais.

Parece que ao menos alguns blogueiros percebem esse vazio aparente e uns poucos talvez estejam tentando preenchê-lo. Como ressaltou recentemente David Glenn na revista *Columbia Journalism Review*, a reportagem original feita pelo blogueiro Joshua Micah Marshall e sua equipe revelou os principais escândalos políticos, incluindo a demissão de procuradores pela Casa Branca e um acordo questionável sobre terras envolvendo a senadora do Alasca, Lisa Murkowski. Outros blogueiros, como os dos sites Huffington Post [[www.huffingtonpost.com](http://www.huffingtonpost.com)] e Pajamas Media [[www.pajamasmedia.com](http://www.pajamasmedia.com)], também estão fazendo sua própria reportagem original, sugerindo que talvez haja mais convergência do que divergência entre a mídia tradicional e a nova.

### CONCLUSÃO

O debate sobre o efeito do jornalismo cidadão na democracia por enquanto talvez ainda se limite a um “E

## Força-Tarefa Global pela Liberdade na Internet

Em dezembro de 2006, a subsecretária de Estado para Democracia e Assuntos Globais, Paula Dobriansky, declarou: “Uma internet acessível e de livre acesso pode expor a corrupção, incentivar a transparência e promover a participação no processo político. Também pode fazer avançar a educação, a saúde e o desenvolvimento econômico. Em resumo, a internet é um meio essencial de empoderamento.”

Dobriansky fez a declaração em uma atualização da Força-Tarefa Global pela Liberdade na Internet, um relatório do Departamento de Estado criado pela secretária de Estado, Condoleezza Rice, em fevereiro passado. Ela descreveu a estratégia do departamento, que tem por base um tripé para a busca das liberdades na internet, do seguinte modo:

- Monitorar a liberdade na internet, relatar as ocorrências nos Relatórios sobre Práticas de Direitos Humanos por País do Departamento de Estado e detalhar os meios e mecanismos pelos quais os governos tentam restringir a atividade on-line.
- Responder à repressão na internet com maior ímpeto por liberdade no cenário mundial e nas organizações multilaterais. O Departamento de Estado deu um passo nesse sentido em janeiro de 2007, ao sediar uma conferência sobre combate à censura na internet no mundo todo. Participaram do evento mais de 120 representantes de empresas, firmas de investimentos com responsabilidade social, ONGs, embaixadas estrangeiras e funcionários do Congresso.
- Expandir o acesso à internet por meio de mais apoio técnico e financeiro para aumentar a disponibilidade de tecnologias de comunicação internacionais sofisticadas no mundo em desenvolvimento.

Os Estados Unidos apóiam vários programas de assistência para promover a expansão do acesso à internet e a disponibilidade de tecnologias de informação e comunicação nos países em desenvolvimento. Desde 2004, o governo americano investiu mais de US\$ 250 milhões na criação de infra-estrutura para tecnologia da informação no mundo em desenvolvimento. ■

se...” A impressão de que os blogues estão prejudicando nossa infra-estrutura cívica é, de modo geral, episódica e teórica.

Mas, sem dúvida, o mundo da mídia está mudando. O poder está passando das pessoas que produzem as notícias — sejam elas jornalistas ou blogueiros — para aquelas que as consomem. Os cidadãos têm muito mais opções e estão se fragmentando no espectro dessas opções. O resultado final não é de fato o surgimento de um discurso cívico melhor ou pior, mas o surgimento de um discurso diferente. A tendência que parece mais clara no momento é que à medida que o público se segmentar, as fontes de notícias irão se tornar mais dirigidas para nichos ou temas e opiniões específicas. A questão, ao menos por enquanto, é como voltar a convergir para um ponto central. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Sites Realmente Locais



Páginas de alguns sites hiperlocais dos Estados Unidos

*A nova tecnologia de mídia permite que pessoas comuns, em bairros e pequenos povoados, publiquem informações on-line fora da faixa do radar da mídia tradicional, ou seja, jornais, televisão e rádio. Esse enfoque dos acontecimentos da localidade em nível micro também possibilita aos cidadãos organizar-se em torno de questões locais. Assim se desenvolve a base da participação política.*

O falecido presidente da Câmara dos Deputados Tip O'Neill dizia, "Toda política é local." Atualmente, nos Estados Unidos, o solo fértil de onde brotam políticos de todas as estirpes são os chamados sites de mídia cidadã, sites hiperlocais, blogs do local — pontos on-line onde moradores de pequenas comunidades publicam textos, fotografias e vídeos sobre si mesmos e os problemas que os afligem.

Uma pesquisa de 2007 sobre os sites de mídia cidadã chamou-os de "intensamente locais", pois fornecem o tipo de notícias e imagens de pequenas localidades que os veículos da grande imprensa não consideram "notícia" ou não têm equipe para cobrir. Os fundadores dos sites solicitam a vizinhos, amigos e associados que forneçam

conteúdo que lembre notícias, tais como narrativas de eventos ou de problemas locais, ou então que sejam bem pessoais, como reflexões sobre a situação local, avaliações de serviços ou empresas locais, dicas de artesanato ou técnicas de jardinagem locais.

"Para ter vitalidade, eles precisam que os cidadãos compartilhem suas idéias, observações e experiências", de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto de Jornalismo Interativo (J-Lab) da Universidade de Maryland. "A subjetividade prevalece."

A objetividade — não permitir que a opinião pessoal influencie a reportagem — é um princípio ético fundamental para os jornalistas americanos há décadas. Mas os sites de mídia cidadã devem sua existência a pessoas que se interessam pela comunidade e querem melhorá-la. Os participantes em geral não têm interesse em esconder seus sentimentos pessoais por trás de um padrão de objetividade.

Os sites são tão diferentes quanto as cidades e vizinhanças de onde se originam. As discussões on-line podem saltar do anúncio de uma reunião na escola local para controvérsias locais, conselhos para planejamento de férias ou política presidencial.

“Citizen Media: Fad or the Future of News” [Mídia Cidadã: Modismo ou o Futuro do Jornalismo], o estudo do instituto também conhecido como J-Lab, relata que esses sites hiperlocais começaram a explodir realmente na internet em 2005, mas muitos passam por um período inicial longo e lento antes de contar com a adesão e a contribuição constante dos membros da comunidade.

Em 2003, dois Web designers da cidade de Brattleboro, em Vermont, fundaram o [ibrattleboro.com](http://ibrattleboro.com). Após seis meses produzindo a maior parte do conteúdo para seu sócio, o co-fundador Christopher Grotke diz que o site ganhou a adesão de um grupo de participantes ativos da comunidade. “Há muito tempo que os cidadãos fazem a redação e o ‘jornalismo’”, disse ele.

O estudo do J-Lab constatou que, de modo geral, os sites têm leitores dedicados, mas são poucos, por isso seu futuro pode não ir muito além das energias de um grupo básico de fundadores e voluntários.

Como os sites se mantêm é uma questão quase tão diversa quanto o seu conteúdo. O próprio J-Lab já forneceu pequenas verbas para que alguns sites pudessem iniciar suas atividades, cumprindo seu objetivo de ajudar cidadãos e novas organizações a utilizar tecnologias

inovadoras para promover a discussão de questões de política pública. Outros sites de mídia cidadã são totalmente custeados por seus fundadores e outros ainda procuram obter receita por meio de publicidade local.

“Acredito que dentro de alguns anos vocês verão quatro ou cinco sites [hiperlocais] por cidade e nenhum deles será permanente”, disse Paul Bass, fundador do [NewHavenIndependent.org](http://NewHavenIndependent.org), em resposta à pesquisa do J-Lab. “Nunca seremos grandes. O que acho que vai durar muito é o fenômeno do jornalismo cidadão.” ■

*Charlene Porter*

## Sacudindo a vizinhança

Quase 200 sites de mídia cidadã hiperlocais responderam à pesquisa do J-Lab, oferecendo as seguintes respostas a respeito de sua eficácia em influenciar a comunidade:

- 82% abrem oportunidades para diálogo
- 61% mantêm supervisão sobre o governo local
- 39% ajudam a comunidade a resolver problemas
- 27% aumentam o comparecimento às urnas
- 17% aumentam o número de candidatos a cargos públicos

# Recursos na Internet

## **Associação de Blogueiros de Mídia**

Essa associação “dedica-se a promover, proteger e educar seus membros; apoiar o desenvolvimento da ‘produção de blogues’ e do ‘jornalismo cidadão’ como uma forma distinta de mídia; e ajudar a ampliar o poder da imprensa, com todos os direitos e as responsabilidades que isso implica, para todos os cidadãos”.

<http://www.mediabloggers.org/node>

## **Centro Berkman de Internet e Sociedade da Escola de Direito de Harvard**

<http://cyber.law.harvard.edu/home/>

## **Centro de Mídia do Instituto Americano de Imprensa**

O site apresenta reportagens sobre tópicos como estratégias da mídia e telefones celulares, links para notícias, um blogue, vídeos e recursos relacionados.

<http://mediacenter.org>

## **Centro Internacional de Jornalistas**

Notícias, capacitação e o interativo “10 Passos para o Jornalismo Cidadão On-line”, incluindo conteúdo de temas como marketing e segurança para blogueiros.

[www.ijn.net](http://www.ijn.net)

## **JornalistaCibernético**

Jornalistas que trabalham principalmente on-line são o público-alvo desse site de notícias e pesquisa.

<http://www.cyberjournalist.net/>

## **Media Alliance**

Centro de capacitação e recursos sem fins lucrativos para profissionais da mídia, organizações comunitárias e militantes políticos.

<http://www.media-alliance.org/>

## **MediaShift**

[http://www.pbs.org/mediashift/2007/04/digging\\_deeperhyperlocal\\_citiz.html](http://www.pbs.org/mediashift/2007/04/digging_deeperhyperlocal_citiz.html)

## **O’Reilly Digital Media: Arquivo de Artigos**

Essa coleção de artigos sobre as tendências da tecnologia de áudio, vídeo e fotografia inclui uma combinação de textos altamente técnicos e artigos para iniciantes como “O que é Podcasting” e “O que é Vlogging”. Da O’Reilly

Media, editora de livros sobre computação e tecnologia; os artigos são escritos pelos autores dos livros da O’Reilly e por outros especialistas do setor.

<http://digitalmedia.oreilly.com/articles.csp>

## **PressThink**

<http://journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/>

## **ReadWriteWeb**

Esse blogue contém notícias, críticas e análises da tecnologia da web.

<http://www.readwriteweb.com/>

## **Technorati: Blogues populares**

Esse site acompanha as tendências na webesfera.

<http://www.technorati.com/pop/blogs/>

## **Tecnologia móvel**

### **Dispositivos móveis inteligentes**

Blogue sobre a utilização da comunicação móvel para ações coletivas.

<http://www.smartmobs.com/>

### **Vivendo com a Tecnologia: A Tecnologia do Telefone Celular de Amanhã**

[http://www.cnet.com/2001-13387\\_1-0.html?tag=cnetfd.lwt](http://www.cnet.com/2001-13387_1-0.html?tag=cnetfd.lwt)

## **Recursos tradicionais para jornalistas**

### **Associação Mundial de Jornais**

<http://www.wan-press.org/>

### **Bistrô da Mídia**

Para escritores freelancer, oferta de empregos, capacitação e comunidade.

<http://www.mediabistro.com/>

### **Centro de Pesquisa Pew para a População e a Imprensa**

Esse grupo independente de pesquisa de opinião estuda as atitudes em relação à imprensa, à política e a questões de política pública.

<http://people-press.org/>

**Centro de Políticas Públicas Annenberg da  
Universidade da Pensilvânia**

Pesquisa, palestras e conferências sobre a intersecção de  
mídia, comunicação e políticas públicas.

<http://www.annenbergpublicpolicycenter.org>

**Fórum Mundial de Editores**

<http://www.wan-press.org/weflarticles.php?id=2>

**Nova Mídia Americana**

Patrocinado pela colaboração de centenas de organizações  
de notícias étnicas, esse site apresenta notícias étnicas e  
links para dezenas de sites de mídia étnica como Singtao  
Daily, Nichi Bei Times, La Prensa, Vietnam Daily e Irish  
Herald.

<http://www.newamericamedia.org>

**Pew Internet & American Life Project**

Essa organização de pesquisa não-governamental e sem  
fins lucrativos estuda o impacto da internet nas pessoas e  
nas famílias e na vida cívica e política.

<http://www.pewinternet.org/>

**Projeto Excelência em Jornalismo**

<http://www.journalism.org/>

**Organizações não-governamentais e liberdade  
na internet**

**Anistia Internacional: Campanha Liberdade de  
Expressão**

<http://irrepressible.info/>

**Associação para o Progresso das Comunicações: Carta  
dos Direitos da Internet**

<http://rights.apc.org/charter.shtml>

**Fundação pela Liberdade Eletrônica**

<http://www EFF.org/issues/international>

**Human Rights Watch: Questões Relacionadas com  
Liberdade de Imprensa**

[http://hrw.org/doc/?t=press\\_freedom](http://hrw.org/doc/?t=press_freedom)

**Iniciativa OpenNet (ONI)**

A ONI dedica-se a identificar e documentar filtros e  
supervisão na internet e a estimular o diálogo público  
sobre essas práticas.

<http://opennet.net/>

---

*O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo  
conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos os links  
da internet estavam ativos em dezembro de 2007.*



**Nova em 2008**  
**America.gov**  
*Contando a História dos EUA*

**Nova home page de eJournal USA**

<http://www.america.gov>



**UMA  
REVISTA  
MENSAL  
OFERECIDA  
EM  
DIVERSOS  
IDIOMAS**

